

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 08/04/2023.

CAROLINA VILLANOVA HEGUEDUSCH

**Pesquisa em deriva:
narrativas errantes de cidades vividas**

ASSIS

2021

CAROLINA VILLANOVA HEGUEDUSCH

**Pesquisa em deriva:
narrativas errantes de cidades vividas.**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ASSIS
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

H464p Heguedusch, Carolina Villanova
Pesquisa em deriva: narrativas errantes de cidades vividas / Carolina Villanova Heguedusch. Assis, 2021. 216 p. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

1. Cidade vivida. 2. Pesquisa em deriva. 3. Montagem. 4. Cotidiano. 5. Alteridade. I. Título.

CDD 301.1

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Pesquisa em deriva: narrativas errantes de cidades vividas

AUTORA: CAROLINA VILLANOVA HEGUEDUSCH

ORIENTADOR: JOSÉ STERZA JUSTO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOSÉ STERZA JUSTO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. LUIS ANTONIO DOS SANTOS BAPTISTA (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia / UFF/Niterói

Prof. Dr. RAFAEL SIQUEIRA DE GUIMARÃES (Participação Virtual)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia / UNESP/Assis

Prof. Dr. PAULO ROBERTO DE CARVALHO (Participação Virtual)
UEL / Londrina

Profa. Dra. JANAINA BECHLER (Participação Virtual)
UFBA

Assis, 08 de outubro de 2021

Em memória de
minha irmã, Lu!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador e amigo, José Sterza Justo, pela parceria sincera e cuidadosa nas andanças da pesquisa e da vida.

Aos professores Marisela Montenegro e Jesus Rojas Arredondo, da Universitat Autònoma de Barcelona, pela recepção nesse novo lugar acadêmico e pelas importantes contribuições à pesquisa.

Aos membros da banca, pelo olhar atento e cuidadoso que tiveram por todo processo da pesquisa e da produção do texto.

A meu pai, meu grande amigo, porto de onde sempre parto e retorno e que sempre está presente do modo-mais-de-amor possível.

A Lalai, Tamis, Camis, Tassi, Laurete Basoli, Gabi, Ruthinha, Ju Bessa, amigas que multiplicam o sentido da vida na parceria total, estando longe ou perto. As amigas, Dani e Talitinha, que, além de multiplicarem, compartilhamos de todo processo de oito anos em que nos tornamos pesquisadoras, de onde, inclusive, rendeu um dos capítulos desta tese (e das delas também) escrito por nós três. É muito amor envolvido.

A todos da Radio Nikosia, que me receberam com tanta disposição e gentileza, por me possibilitarem viver essa experiência maravilhosa que foi acompanhar um pouquinho do trabalho de vocês. Vocês são incríveis. Agradeço ao Martín Correa-Urquiza e, especialmente, a Lucía Serra e Fabiana Rossarola pelas trocas animadas e afetuosas.

Agradeço aos professores e professoras de outros tempos pela dedicação ao ofício e que, eventualmente, por meio de colocações fortuitas inspiraram coragem para trajetos da vida.

Aos(as) trabalhadores(as) da Seção Técnica de Pós-Graduação da Unesp/Assis pelo apoio e assistência.

Aos interlocutores anônimos que compuseram a polissemia desta tese.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual a cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.

(CALVINO, 1990, p.28)

HEGUEDUSCH, Carolina Villanova. **Pesquisa em deriva**: narrativas errantes de cidades. 2021. 216 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

RESUMO

Nesta tese, realizamos uma pesquisa em deriva na cidade de Barcelona (ES), procurando apreender nela o que chamamos de cidade vivida. Nossa tática principal foi adentrar essa cidade, até, então, completamente desconhecida, por suas bordas, por aquilo que rodeia seus epicentros como resultado de processos de centrifugação que, por um lado, assimilam, depuram e estabilizam determinados elementos que circulam no espaço urbano e, por outro, expulsam os resíduos, as sobras, os rejeitos ou os descartes daquilo que não é assimilável. O olhar para os rastros da cidade, por sua vez, carrega consigo um movimento sem uma direção preestabelecida, sem um alvo definido. É um movimento que escapa à racionalidade que preside as cinesias urbanas e se faz pelo deslocamento, pela deriva, pela errância. Por esses (des)caminhos, pudemos apreender memórias da cidade, seus recados, as multidões que se formam, manifestações da loucura, espaços vazios, abandonados (*terrain vague*) e acontecimentos comezinhos que irrompem na cidade vivida. A deriva, a princípio, funcionando como ferramenta técnica de investigação de campo, alcança outros tempos da pesquisa e passa a compreender nossa proposta epistemológica. Além disso, enquanto movimento errante, não produz uma experiência de cidade linear, sequencial e totalizadora, mas sim experiências fragmentárias que podem ser arranjadas em diferentes composições de narrativas. Por isso, este texto é resultado de uma montagem feita de fragmentos de textos não lineares e não hierárquicos. A partir de diferentes registros do saber, teorizações e conceitos, narrativas de campo, de filmes e documentário, de notícias, de literatura, de conversas informais, de fotos e imagens. Com isso, compomos junto à heterogeneidade de temporalidades que comumente coexistem no processo do pesquisar, permitindo a continuidade de sua montagem, na qual o leitor, por meio de sua própria deriva por este texto-cidade, possa continuar o processo interminável e indefinido de montagens possíveis. Assim, este texto em fragmentos propõe que estes funcionem fazendo circular outras cidades vividas que coexistem junto a essa que se apresenta a nós.

Palavras-chave: Cidade vivida. Pesquisa em deriva. Montagem. Cotidiano. Alteridade.

HEGUEDUSCH, Carolina Villanova. **Drift search:** wandering narratives of cities. 2021. 216 f. Thesis (Doctorate in Social Psychology) – São Paulo State University, Faculty of Sciences and Languages, Assis, 2021.

ABSTRACT

In this thesis, we carried out a research in drift, in the city of Barcelona (ES), trying to apprehend in it what we call the lived city. Our main tactic was to enter this city, until then completely unknown, by its borders, by what surrounds its epicenters as a result of centrifugation processes that, on the one hand, assimilate, debug and stabilize certain elements that circulate in the urban space and, on the other hand, expel residues, leftovers, rejects or discards from what is not assimilable. Looking at the city's tracks, in turn, carries with it a movement without a pre-established direction, without a defined target. It is a movement that escapes the rationality that presides over urban kinesias and is made through displacement, drift, wandering. Through these (dis)paths we were able to apprehend memories of the city, its messages, the crowds that form, manifestations of madness, empty spaces, abandoned (*terrain vague*) and simple events that erupt in the city experienced. Drift, at first, functioning as a technical tool for field investigation, reaches other times in research and begins to understand our epistemological proposal. The former, as an errant movement, does not produce a linear, sequential and totalizing city experience, but fragmentary experiences, which can be arranged in different compositions of narratives. Therefore, this text is the result of an assembly made up of fragments of non-linear and non-hierarchical texts. From different registers of knowledge, theories and concepts, field narratives, films and documentaries, news, literature, informal conversations, photos and images. Composing thus, together with the heterogeneity of temporalities that commonly coexist in the research process. Allowing the continuity of its montage, where the reader, through his own drift through this city-text, can continue the endless and indefinite process of possible montages. Thus, this text in fragments proposes that these work by circulating these other lived cities that coexist alongside the one that presents itself to us.

Keywords: Lived city. Drifting research. Montage. Quotidian. Alterity.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Cidade Infinita	18
3. Alcançando a cidade vivida.....	21
4. Pesquisa em deriva	42
5. Temporalidades da Cidade e memória ... caminhar, lembrar, esquecer, fugir.	83
6. Recados da cidade	107
7. Cidade cinematográfica: a montagem do texto-cidade	109
8. Radio Nikosia: uma porta a outras cidades.....	130
9. Multidão	174
10. <i>Terrain Vague</i>	183
11. Por sustentar a fragilidade da autoria.....	185
12. A cidade inteligente	193
13. A Cidade, os objetos e a Psicologia Trapeira	197

REFERÊNCIAS

Em certo sentido, podemos dizer que o desejo que anima esta pesquisa vem de um sentimento controverso gestado na produção da pesquisa do mestrado. Naquele momento, o estudo da experiência cidadina contemporânea partia do olhar para a vivência deprimida. Depressão e cidade era o tema da pesquisa. Seu enredo geral girava em torno da ideia de que a experiência na vida cidadina contemporânea está em colapso. Seja pela compressão do tempo e a pressa nossa de cada dia, seja pela inundação do virtual e pela crescente privatização do espaço público. Pelo medo e insegurança com que se vive nas cidades atuais, pela violência e segregação. Vigilância e controle. Grosso modo, efeitos de cidades produzidas por uma administração liberal que, de um modo ou de outro, formaliza o uso dos espaços urbanos pelas cidades do mundo, fabricando, sobretudo, objetos de consumo e do lucro, e não cidades para se viver, onde possam coexistir vários modos do viver.

Sejam quais forem as inúmeras razões que poderíamos listar aqui, é possível afirmar que o discurso sobre a vida cidadina parece pairar sobre a dispersão, o empobrecimento da experiência ou mesmo da extinção desta (BENJAMIN, 1987a; AGANBEM, 2005). Mas, ao refletir acerca dessas questões por meio de leituras e, principalmente, da própria experiência urbana e errática, pudemos, pouco a pouco, vislumbrar um algo mais pulsante ali. Como se, escutando um tímido palpitar de vida dessa cidade que nos rodeia, nos pusessemos a deitar os ouvidos em seu chão, procurando curiosos por algo que sentimos animar o espírito. E, ao nos levantarmos, tudo mudasse de tom. Esta tese nasce desse desejo quase descabido de tão sincero e espontâneo.

A ideia inicial, elaborada no projeto, pautava-se na dualidade: a cidade concebida e a cidade vivida. Por um lado, a racionalidade na produção dos espaços urbanos projetada em seus planos diretores, legislações, regras de civilidade, a definir e regular os modos de uso dos espaços urbanos. Por outro, os usos ou consumos, dada as necessidades, os desejos, as disputas e os distintos vetores de poder que se apresentam no cotidiano em suas inventividades. Ou seja, essa atualização constante do concebido a partir do uso dos espaços, a qual poderia, então, conformar ou subverter, transgredir ou reproduzir tal racionalidade técnica colocada sobre a cidade moderna – contemporânea. Essa era a questão. O foco seria nessa dimensão vivida, que está sempre em diálogo com a concebida, mas o objetivo seria tencionar esse lugar, trazê-lo à tona. Esse espaço-tempo potencial, como gostamos de pensar.

Interessa-nos, portanto, perceber como diferentes usos dos espaços e sociabilidades permitem o florescimento ou a multiplicação dessa cidade vivida em suas mais diferentes versões. Como a experiência urbana cotidiana está atravessada pela

experiência da alteridade e como esse palpitar da cidade vivida se relaciona continuamente com a produção de subjetivações (e dessubjetivações...), em um processo pulsante de fazer e desfazer mundos e modos de viver. Um processo mútuo e contínuo. Essas se colocaram, assim, como as três grandes artérias por onde se faz correr o fluxo desta pesquisa sobre/na cidade vivida: o cotidiano, a alteridade e as subjetivações.

O primeiro grande desvio que, porventura, sofreu esta pesquisa em deriva – noção que trabalharemos mais detidamente em um texto-fragmento¹ – foi nos deslocarmos de um projeto de pesquisa que seria desenvolvido em Assis, pequena cidade do interior de São Paulo, para Barcelona, na Espanha. Na primeira, já havíamos esquadrihado todo um território de investigação de campo com base em seu plano diretor e documentos oficiais. Foi quando, por eventualidades, surgiu a oportunidade de tentarmos uma bolsa de doutorado-sanduíche no exterior. E, assim, despontar na célebre capital catalã reconhecida por sua efervescente cultura urbana que, apesar de todas as complexidades aderidas a esse novo universo citadino, torna-se, sem dúvida, um manancial dessa dimensão vivida que entusiasma o presente estudo.

Claro que suas características estruturais, desse macro de que tanto falamos, estarão sempre em jogo nas andanças da pesquisa, mas perceberemos, pouco a pouco, como a própria pesquisa em deriva nos autoriza certo desprendimento dessa dimensão macro, ou melhor, seu entrar em cena é conduzido pelas nuances e detalhes do vivido, e não o contrário. Assim, nossas observações e reflexões não são definidas e direcionadas à priori, pois levamos em consideração que, entre as fronteiras nas quais a deriva dança, está também a geográfica, e o vivido ressoa em lugares outros, cidades outras, próximas ou distantes, em outros espaços-tempo, desde os mais momentâneos e materiais até os mais subjetivos. Pois bem, essas são questões que circularão no texto como um todo. A questão é que, em meio a livros, observações, experimentações e errâncias, fomos (e seguimos) caminhando aos tropeços nesta pesquisa. O que aparece é o que se manteve minimamente, pois todo o resto, todo o movimento (do pensamento, da caneta e dos passos do corpo), se vê no ritmo, nas ausências, nas coragens e debilidades que aqui se expressam.

Por meio dessa deriva, foi-nos possível trabalhar diferentes questões que dialogam entre si como modo de explorar as possibilidades da psicologia na produção de conhecimentos sobre a cidade. Nossa tática principal é um modo de entrada na cidade

¹ Trabalhamos esse assunto no fragmento “Pesquisa em deriva”, na página 41.

pelas suas bordas, por aquilo que rodeia seus epicentros como resultado de processos de centrifugação que, por um lado, assimilam, depuram e estabilizam determinados elementos que circulam no espaço urbano e, por outro, expulsam os resíduos, as sobras, os rejeitos ou os descartes daquilo que não é assimilável. O olhar para os trapos da cidade, por sua vez, carrega consigo um movimento sem uma direção preestabelecida, sem um alvo definido. É um movimento que escapa à racionalidade que preside as cinesias urbanas, salta de corredores e direções instituídos e busca desvios. Faz-se pelo deslocamento, pela deriva, pela errância. O(a) psicólogo(a) da cidade² seria aquele(a) que circula por ela de maneira errática, praticando derivas e, assim, é capaz de ver, catar ou coletar restos e rastros que escapam aos discursos oficiais e aos sistemas prévios e totalizadores sobre a cidade. Em um plano mais objetivo da pesquisa de campo, é aquele(a) que deriva pela cidade atento(a) aos acontecimentos que produzem a cidade vivida, para além da cidade concebida pelo planejamento e administração urbanos.

E que grande acontecimento foi sair do país pela primeira vez na vida e logo depois das eleições que colocaram Bolsonaro no poder. Uma intensidade de sentimentos confusos, receios e angústias. E as conversas intermináveis em que buscamos, transtornados e constrangidos, explicar com sequência de fatos quando nos perguntam: mas o que aconteceu com o Brasil? Sempre começava com: você tem duas horinhas?! Então, vamos lá! Quando a vontade era levar as mãos à cabeça e dizer em lástima: não sei, não sei! Da “terra em transe” à “democracia em vertigem”. Era um verdadeiro longa-metragem que parecia passar pela cabeça, um duro e penoso longa-metragem.

Depois de meses e meses por lá, um episódio marcante na primeira semana de volta ao Brasil foi assistir ao filme *Bacurau*, de Kleber Mendonça e Juliano Dorneles (2019). Assistir a esse filme nesse momento foi de revirar o estômago. A sensação agitada de ver a retomada de uma linguagem artística crítica de certas brasilidades, uma forma de dizer de nosso mundo anunciando uma resistência desesperada, mas sempre aí. Nada passiva. O resgate de uma estética antropofágica tropicalista. E em um momento como esse! Esse surrealismo latino-americano que não é do sonho, mas da realidade exaltada, como diria Glauber Rocha (2004 [1965]). Desse “tropicalismo trágico e dilacerado, um carnaval desesperado”, como fala Ivana Bentes (2007, p. 104). Como se a estética crua e, ao mesmo tempo, futurista do filme de Kleber Mendonça (2019) fizesse estremecer os sentidos que pairam sobre esse contexto em que vivemos hoje, ressoando em lembranças,

² Trabalhamos esse assunto no fragmento “A cidade, os objetos e a Psicologia Trapeira”, na página 195.

em personagens outros, em lutas e resistências. “Você quer viver ou quer morrer?”, perguntavam as personagens de cara a cara com seus inimigos estalados no chão, em uma reviravolta decisiva diante daquele enredo devastador. E era como se tudo isso se misturasse, de alguma forma, com as experiências urbanas evocadas. Das cidades daqui, das cidades de lá...

Também se misturava a uma relação de devoração da cidade e ser por ela devorada. “Se não cuidar, Barcelona te engole”, escutei certa vez em uma conversa despreziosa. Qualidade que não é exclusiva da cidade mencionada, mas bastante comum a outras experiências de cidade. Curiosa, também, a sensação nauseante experimentada depois de tanto tempo, tantas horas diárias pelas ruas, praças e marquises. Certo entorpecimento que acompanha essa tentativa de agarrar-se em inconstâncias. Em permanecer no fora que passa, pouco a pouco, a desdizer o dentro, interrogar tais contornos. Ao final, o que importa mesmo é conseguirmos futurizar, como disse Zé Celso em uma conversa recente com Gil. Acasalar com as impermanências é condição para engravidarmos de futuro, parafraseando o que ouvi Rolnik (2019) dizer, ali mesmo, em uma sala de conferências naquela cidade europeia.



Figura 1 - Mapa das andanças de um dia em quarentena feito pelo aplicativo MapWalk

Gostaríamos de tecer um curto comentário sobre escrever, agora, em quarentena. Num contexto em que estar em quarentena é um privilégio e, ao mesmo tempo, aos que podem estar, uma subversão, na medida em que, aqui, grande parte dos discursos oficiais defende uma postura oposta. Um contexto em que usar ou não máscaras de proteção se tornou grande questão de disputa política-ideológica. Escrever estes textos, sobre essas andanças, encerrada entre paredes evoca sensações confusas. Como um adejar, um bater as asas em um mesmo lugar. Como se a experiência radicalizada do fora, de estar grande parte das horas dos dias do lado de fora, pelas ruas da cidade, fosse contraposta, agora, por uma radicalidade oposta, de meses e meses envolta em um mesmo cenário. Entre salas, quarto e cozinha. Um excesso de si mesmo... e um excesso, também, de um mundo caotizado nas telas dos écrans. Outros dentos que se multiplicam em uma existência insustentável. Redesenha-se, nesse instante, a geografia de um modo também mais

radical. Perde-se, sem dúvida, um bom tanto de urbanidade, bem como de corporeidade que acompanha essa urbanidade e, junto com isso, ocorre um deslocamento profundo da localização da cidade na topografia de nossas vidas cotidianas e de nossas subjetividades.

O momento em que o vírus biológico se transmutou visivelmente em uma versão outra. A forte sensação de que uma crise mais aguda sobre a crise que já existia nos convoca a um estado de urgência inadiável. E aí que uma encruzilhada cotidiana se coloca com mais força: a insustentável continuidade dessa ilusão morna de todo dia, de cotidianos privilegiados. Como seguir? Não se trata de um mal natural implacável como os que querem nos fazer acreditar na máxima do “salve-se quem puder”. O vírus, em sua forma política, é muito mais violento e devastador. O caos de tudo isso não está em um vírus desconhecido e mortífero que se espalha pelo mundo, mas nas condições políticas, sociais e econômicas que o acomodaram e o alimentaram. Falar sobre a excepcionalidade do que estamos vivendo, hoje, não implica em dizer que precisamos ou desejamos voltar a uma condição anterior. Não implica em dizer que estávamos bem. Longe disso, se a crise atual se coloca na sua radicalidade destrutiva, é porque a condição para isso já estava sendo produzida, assim como os possíveis meios para enfrentá-la já estavam sendo destruídos. Referir-se à excepcionalidade desse momento é falar de algo que agrava uma situação que já é grave. A pandemia não é indiscriminada, sabemos quais são seus alvos privilegiados, quais vidas serão (mais) devastadas. Quais modos de viver nessas nossas cidades desse país continental serão primeiramente exterminados. Como já adiantavam os dizeres que estampavam os cartazes pelas ruas em manifestações no Chile: “não voltaremos ao normal, porque o normal era o problema”.

E, assim, assistimos, pelas telas de cada dia, embaixo de muita fumaça em nossos céus, às cidades sufocadas³. Existências cotidianamente extintas. O primeiro ato do dia, logo após abrir os olhos e antes mesmo de botar o dedo no interruptor da parede do quarto, é inundar nossos olhos com a luminosidade incômoda das telas azuladas. Submergindo como quem pula, sem cautela, de cabeça, em um sem-fim de aleatoriedades, entre “desimportâncias” e máximas importâncias, uma após outra. Abandonando-nos em um oceano intempestivo de raiva, risos, pesares, saudades, deleites, suspeita, alegrias, aflições, deslumbramentos, ressentimentos, entusiasmos, apatias, ansiedade.... ufa... e não se passaram nem mesmo os cinco primeiros minutos do dia. Não se trata de entrar em debates antitecnológicos. Nada disso. Nem em maus ou bons usos pessoais das redes

³ Referência às queimadas na Amazonia que registraram o maior número da história em 2020.

sociais. Um âmbito que, nessa discussão, nem parece fazer muito sentido. Mas a imaginação insiste em pensar George Simmel voltando à vida aqui e agora, em imaginar qual ensaio ele escreveria em revisão ao seu de 1902 sobre vida mental na metrópole. O que ele diria sobre o anestesiamiento provocado em corpos que se desfazem em excessos, ou mesmo em ausências...

Bom, voltemos à apresentação do presente texto. Entendemos que a escritura não se separa do funcionamento do pensamento e do pesquisar, ou seja, está entrelaçada com o próprio trabalho teórico envolvido na composição do conhecimento. Sendo assim, da mesma maneira que a cidade vivida exige um desfazer fronteiras, operar entendimentos e dizeres sobre ela também demanda tal tentativa. Não dizemos somente em relação a fronteiras disciplinares, mas também a um convite ao não aprisionamento de possibilidades interpretativas. Ou melhor, convocar novas espacialidades ao pensamento. Falamos de fronteiras entre pensamento, cognições, mundo sensível, imaginário, intuição. Entre regimes de sentido, entre ciência e ficção, epistemologia e subjetivação, trabalho de campo e análise. Imaginamos o processo dessa pesquisa como um vai e vem, como um eterno devolver de questões de um lado a outro. Do pensamento para a forma escrita, da escrita para observação, de uma teorização para um acontecimento. Vemos esse processo repleto de linhas em um emaranhado que já fica quase indefinível saber a ponta de cada lado. Este texto valora a afirmação de ser uma composição possível entre infinitas. A ideia está mais relacionada à composição de uma paisagem, a processos de conceituação do que a teses e conceitos fechados. Diz mais respeito à abertura de um campo de pensamento metafórico, circunstancial.

Esta pesquisa em deriva pretende, comedidamente, trazer à cena certa função epistemológica à metáfora. Como um operador em dizer de coisas vivas. Um pensamento que busca dizer de coisas vivas não pode abdicar de palavras em movimento. Que ora dizem uma coisa, ora outra. Ou que ora dizem a partir de um lugar, ora a partir de outro. Dizeres que tomam posição. Em que o movimento não cessa na palavra escrita, mas perdura nas invariáveis vezes em que é lida, entendida, atualizada. Ou suprimida. O resgate da metáfora na escrita não se restringe a seu emprego no sentido decorativo. Estético, sim. A questão, talvez, seja resgatar a metáfora como meio de tratarmos de um pensamento vivo e de uma escrita que o acompanhe. Se nos referimos a planos de existência, processos subjetivos, não podemos nos render a um pensamento endurecido, tampouco a uma escrita dissecadora. Ensaaiar a metáfora enquanto operador do

pensamento e da escrita, nas composições possíveis de conhecimento, sugere-nos passos interessantes.

Foi por esses (des)caminhos que chegamos a esta proposta de desenho de texto. A montagem de um grande ensaio feito de fragmentos de textos não lineares e não hierárquicos. Compondo assim, junto à heterogeneidade de temporalidades que comumente coexistem no processo do pesquisar. Isso permite a continuidade de sua montagem, na qual o leitor, por meio de sua própria deriva, possa continuar o processo interminável e indefinido de montagens possíveis. Em deriva por esse texto-cidade⁴, como o apelidamos. Em suas ruas, avenidas e becos sem saída. Atalhos e labirintos. Cruzamentos e esquinas. Campos abertos e praças de descomplicado convívio. Por onde o leitor componha novos textos no atravessamento de suas linhas. Embrenhando-se em partes dele e de outras, fugindo. Perambulando com a sua atenção flutuante por este texto-cidade como um ensaio aberto, disponível ao tempo, no qual possa, também, colecionar insights, evocar lembranças pelo caminho. Um texto que não esconde sua textura afetiva, que também é mapa afetivo como propunham os situacionistas em sua psicogeografia. Feito de silêncios e polifonia. Isso é o que desejamos a esse texto.

Desejamos buscar as cidades outras que se insinuam. Fazer “poesia nos fatos”, como diria Oswald de Andrade no manifesto do pau-brasil. Instigando certa receptibilidade sinestésica da experiência de um derivar pelas ruas. O caos e o equilíbrio, dos sons e dos cheiros. A temperatura. Carne e asfalto, concreto, vidro e céu. Luzes. Pensamentos, imagens e fantasias. Lembranças. Prospecções futuras. Saudade. De alguém, de algo ou de um tempo. Rastros e restos. Objetos esquecidos que recordam outros objetos até então esquecidos. Rostos que se cruzam. Poças de água suja. Carros, buzinas, gente. Alarmes, alardes, arames. Passagens e barreiras. Parques e pontes. Mulheres reunidas. Bola na parede. Música que vem da sacada de um prédio alheio. Vozes. Mais fantasias. Personagens conectados em um acaso imaginário. Intimidade flagrada. Acontecimentos. Ocasões. Minúcias. Solidão a dois, a três, na multidão. Multidão de um. “A poesia invadindo a ciência para estabelecer fendas nos conceitos, onde se instale a vida e se transforme o geral e abstrato em metáfora. Os critérios universais de verdade substituídos pela multiplicidade como sentido” (WARAT, 1995, p. 2).

⁴ Na página 17, produzimos um “Sumário alternativo”, como modo de trazer essa abertura de diferentes possibilidades de percorrer o texto, inspirado no mapa “Naked city” situacionista do qual falamos sobre no fragmento “Pesquisa em deriva”.

Assim, este texto em fragmentos propõe que estes funcionem fazendo circular essas outras cidades que coexistem junto a essa que se apresenta a nós. Temas como relevos psicogeográficos. Ao final, estes dizem respeito a várias histórias de cidades. Narrativas ambulantes transitórias que, em suas diferenças e suficiências, estejam também conectadas a partir desta discussão que apresentamos anteriormente e que se mantém. Se acaso fôssemos nomear mais tradicionalmente nosso propósito, grosso modo, seria trabalhar todos os fragmentos como se fossem discussões que se sustentam por si só, mesmo que se conectem. Compostos por diferentes registros do saber, teorizações, narrativas de campo, de filmes e documentário, de notícias, de literatura, de conversas informais, fotos e imagens... O texto-montagem parte da ideia da não linearidade e da não relação entre causa e efeito. E é assim que entendemos o processo de pesquisa como um todo. Processo este no qual cada um possa se apresentar, mesmo os fragmentos de maior teor epistemológico, de forma a estenderem suas reflexões a outros lugares, aos nossos modos de estar, de se movimentar, de viver, de sentir, de pensar, de dizer a cidade. Seria uma forma de escritura que traduz essa intenção que confiamos importantíssima a esse lugar de estudo no qual nos colocamos. Por isso falamos de narrativas, e não de relatos de campo. Exploramos as narrativas como possibilidades potenciais que não vislumbramos no relato de campo depurado e séptico. Não somente por valorizarmos os restos e os detalhes, mas também por confiar que a narrativa permite um desprendimento de um modo de dizer que orbite um ego ou constructo identitário. Narrar o vivido não se confunde com o discurso egóico. Narrativas deixam passar rastros sem dono, sem origem e sem destino. Mas retornaremos a isso mais adiante.

Assim, nesta pesquisa em deriva sobre a cidade vivida, passamos por diversas discussões em diferentes fragmentos. Um que nos faz subir ao topo da cidade infinita. Outro que visita Nikosia, uma cidade criada por uma rádio. Outro que evoca as temporalidades, a memória e as lembranças na produção dos espaços. Um que perambula pelos espaços vagos; outro, pela multidão. Nos conectamos nos fluxos da Cidade Inteligente e nos permitimos aos encontros com os Recados da cidade. Passamos, também, pela Cidade cinematográfica e a montagem como modo de produzir conhecimento. Pela Cidade dos objetos e pela Psicologia Trapeira...

Abrindo a porta...

A proposta agora seria – e é – um convite à deriva. Quem sabe levar consigo um bloquinho de notas ou um pequeno tantinho de folhas que fiquem aí. Na mochila, no bolso. Esperando rabiscos, frases, notas triviais. Essas folhas têm enorme disposição em guardar projetos adiados, ideias pela metade, *insights* entusiasmados. Pensamentos em notas de alívio, deleite ou provocação. Não precisa escrever bonito, nem certo, condição importante à amiga caderneta. Pequeno chumaço de papel inútil. Às vezes, até terapêutico. Tem dias que lembrar nos ajuda a esquecer. O convite à deriva. O impulso de animar certo desejo de abrir a porta, como parece impelir a leitura do micro conto *O passeio repentino*, de Kafka (1999):

Quando à noite parece ter-se tomado a decisão definitiva de permanecer em casa, vestiu-se o roupão, depois do jantar ficou-se sentado à mesa iluminada, às voltas com aquele trabalho ou jogo ao término do qual habitualmente se vai dormir, quando lá fora há um tempo inamistoso que torna natural permanecer em casa, quando já se passou tanto tempo quieto à mesa que ir embora teria de provocar espanto geral, quando até as escadas já estão escuras e a porta do prédio fechada, e quando apesar disso tudo, num mal-estar repentino, fica-se em pé, troca-se o roupão, surge-se imediatamente vestido para ir à rua, se esclarece que é preciso sair, faz-se isso depois de breve despedida, acreditando-se ter deixado maior ou menor irritação conforme a rapidez com que se bate a porta do apartamento, quando se está de novo na rua com membros que respondem com uma mobilidade especial a essa liberdade inesperada que lhes foi concedida, quando se sente, através dessa decisão, concentrada em si mesmo toda a capacidade de decidir, quando se reconhece com um senso maior que o comum que se tem mais energia do que necessidade de produzir e suportar a mais rápida das mudanças, e quando assim se vai às pressas pelas longas ruas – então por essa noite está-se totalmente desligado da família, que desvia seu rumo para o inessencial enquanto, firme de alto a baixo, os contornos com as linhas carregadas, dando tapas na parte traseira das coxas, ascende-se à sua verdadeira estatura.

Tudo fica mais reforçado quando, a essa hora tardia da noite, se procura um amigo para ver como ele vai.

(Tradução de Modesto Carone, no livro *A Contemplação/O Foguista*, de Franz Kafka – Ed. Cia. das Letras).

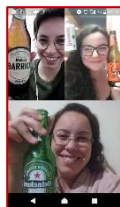
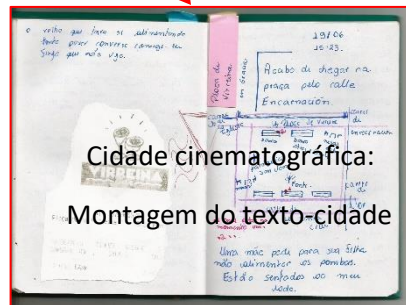
Um elogio ao fora, como nos inflama Delgado (2007b): “estar fora é também estar fora de si, dado que é a si mesmo o primeiro que se abandona quando se sai. O dentro tem limites, pelo contrário, o fora é essa paisagem ilimitada em que não vive ninguém e o único que se cabe fazer é deslizar-se” (p. 33, tradução nossa). Por ora, esse desejo, adiado em partes, por aqui, distende-se “quarentenado”, distante do líquido amniótico da cidade. Desejo adiante, se possível for. No entanto, o convite à deriva não está resumido às andanças dos pés...

Finalizamos nossa introdução com o que desejamos a esta escrita-leitura.

Pela profanação da escrita:

Por uma escrita apaixonada. Por uma escrita que busca, com traquinice infantil, escapar da soberba dos jalecos. Das maldades da verdade. Por uma escrita que fuça, rastreia, caça, insistentemente, o maravilhoso cotidiano. Uma escrita que dança na tormenta. Que resiste à cura, ao corretivo, à correção. Por uma escrita que excite planos e planos, infinitos planos de existência. A exuberância. A alteridade. A singularidade. Por uma escrita atrevida, ousada, corajosa, que rasga fronteiras ou passeia sobre elas. Equilibrista das bordas. Namoradeira das beiradas. Por uma escrita que brinda os desencontros, a errância. A intuição. Que louva a selvageria. Por uma escrita profana, que nos restitua o que é nosso!

Sumário alternativo do texto-cidade



REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Infância e História: ensaio sobre a destruição da experiência. In: AGAMBEN. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Argos, 2009.

AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ANDRADA, Cris Fernandez. Etnografias em Psicologia Social: notas sobre uma aproximação fecunda. *Ponto Urbe*. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. n. 7, 2010.

ANZALDÚA, Gloria. Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana. Trad.: Tatiana Nascimento. In: KEATING, AnaLouise (Ed.). *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175.

ANZALDÚA, Glória. Hablar en lenguas – Una carta a escritoras tercermundistas. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana. *Esta puente mi espalda – Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. São Francisco: Ism Press, 1988.

ARAGON, Louis. O camponês de Paris (1926). In: NASCIMENTO, Flavia Cristina de Souza *et al.* *O camponês de Paris de Louis Aragon (1926) - tradução comentada*, 1991.
ARAÚJO, Fabio. Do amigo qualificado à política da amizade. *Estilos da clínica*, v. 10, n. 19, p. 84-105, 2005.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Klee: a utopia do movimento. *Revista Filosófica São Boa Ventura*, v. 12, n. 1, p. 21-42, 2018.

ARAÚJO, Fabio. *Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos à política da amizade*. Niterói, 2007.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas SP: Papirus, 2012.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça e Juliano Dorneles. Produção: Emilie Lesclaux; Saïd Ben Saïd; Michel Merkt. Brasil: Vitrine Filmes; França: SBS Distribution, 2019.

BAPTISTA, Luis Antonio. *A cidade dos sábios*. São Paulo: Summus, 1999.

BAPTISTA, Luis Antonio. *O veludo, o vidro e o plástico: desigualdade e diversidade na metrópole*. Niterói: EdUFF, 2009.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. Alfaguara, 2018.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna (1868). In: BAUDELAIRE, Charles; *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BAUDRILLARD, Jean [1886]. *El sistema de los objetos*. Trad. de Francisco González Aramburu. México: Letra e, 1969.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In: BENJAMIN. Obras escolhidas: volume 1*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a. p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. *Obras escolhidas: volume 1*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987b. p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN. Obras escolhidas: volume 1*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987c. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas vol. III*. Brasiliense: 2017a.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. *In: Obras escolhidas volume III*. Brasiliense, 2017b.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única: Obras escolhidas volume 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987d.

BENTES, Ivana. Multitropicalismo, cine-sensação e dispositivos teóricos. *In: BASUALDO, Carlos (Org.). Tropicália: uma revolução na cultura brasileira (1967-1972)*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BERGSON, Henri. *Memória e vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. A pesquisa etnográfica e as especificidades da observação participante. *Vinheta*, v. 01, p. 01-18, 2010.

BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. Estados Gerais da Psicanálise. II Encontro Mundial. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port.pdf.

- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Ateliê editorial, 2003.
- BROWN, Nicholas; SZEMAN, Imre. O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. *Novos estudos CEBRAP*, p. 93-108, 2006.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CARDONA, Isabel Pellicer; ARREDONDO, Jesús Rojas. ELIAS, Pep Vivas. La deriva: una técnica de investigación psicosocial acorde con la ciudad contemporánea”. *Boletín de Antropología*. Universidad de Antioquia, Medellín, Vol. 27, N.º 44, 2012.
- CARDOSO JR, Hélio Rebello; NALDINHO, Thiago Canonenco. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. *Fractal: revista de Psicologia*, v. 21, n. 1, p. 43-56, 2009.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: O caminhar como prática estática*. Prefácio de Paola Berenstein Jacques. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CARLOS, Ana Fani. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CARRASCO, Iván. Antropología Poética:¿ Literatura, Estilo o Tipo de Discurso?. *Current Anthropology*, v. 41, n. 2, p. 225-248, 2001.
- CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes antropológicos*. v. 7. n. 15. p. 107-147, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CATALÁN, Óscar López. ARREDONDO, Jesus Rojas, et al. *Psicologia de la ciutat i la gestió urbana*. Universitat Oberta de Catalunya, 2011.
- CHARTIER, Anne Marie; HEBRARD, Jean et al. *A invenção do cotidiano: uma leitura, usos*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. v. 17, 1998.
- CONSTANT. O grande jogo do porvir (1959a). In: JACQUES, Paola. Berenstein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 98-100.
- CONSTANT. Outra cidade para outra vida (1959b). In: JACQUES, Paola Berenstein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.114-117.
- CORDEIRO, Graça Índias et al. *As cidades fazem-se por dentro: desafios de etnografia urbana*. Cidades-Comunidades e Territórios. p. 111-121, 2010.

CORREA-URQUIZA, Martín *et al.* La evidencia social del sufrimiento. Salud mental, políticas globales y narrativas locales. *Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia*, n. 22, p. 47-69, 2006.

CORREA-URQUIZA, Martín. Radio Nikosia: *La rebelión de los saberes profanos (otras prácticas, otros territorios para la locura)*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia). Departament d'Antropologia, Filosofia i Treball Social, Universitat Rovira i Virgili, Terragona, 2009.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tânia Mara Galli. Do contemporâneo: o tempo na história do presente. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 59, n. 2, p. 110-119, 2007.

DA MATA, João. Roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria. *Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, n. 34, 2018.

DA MATTA, R. *O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues*. Museu nacional, 1978.

DEBORD, Guy. A teoria da deriva ([1956] 1958). In: JACQUES, Paola. Berenstein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.87-91.

DEBORD, Guy . Perspectivas de modificações conscientes na vida cotidiana (1961). In: JACQUES, Paola. Berenstein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.143-152.

DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer*. 10. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes: Petrópolis, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. V.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELGADO, Manuel. *La ciudad mentirosa: fraude y miseria del " modelo Barcelona"*. Madrid: Catarata, 2007a.

DELGADO, Manuel. *Sociedades movedizas: Pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: editorial anagrama, 2007b.

DEUS e o diabo na terra do sol. Direção de Glauber Rocha. (versão remasterizada com extras de entrevistas, depoimentos, trilha sonora etc.). Brasil: 1964.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição*. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2017a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Povos expostos, povos figurantes. *Vista*, n. 1, p. 16-31, 2017b.

DINIZ, Davidson de Oliveira. Teoria epistemológica na obra das Passagens, de Walter Benjamin, o princípio da montagem literária de imagens dialéticas como uma possível marca de estilo. *XI Congresso Internacional da Abralic*. São Paulo: USP, 2008.

DINIZ, Davidson de Oliveira. Walter Benjamin e as Passagens: uma narratividade poética do histórico. *Cadernos benjaminianos*, n. 1, p. 74-93, 2009.

ESPÓSITO, Alexandre; JUSTO, José Sterza. Etnografia e deriva: possibilidades na pesquisa. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 7, n. 1, p. 91-102, 2017.

ESPÓSITO, Alexandre; JUSTO, José Sterza, A mobilidade dos trecheiros e a importância de seus objetos materiais. *Revista Percurso*. (11) 1, 2019. Recuperado de: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49766>.

FERRARI, Sônia Campaner Miguel. O trabalho das passagens. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, n. 3, p. 69-77, 1997.

FORTUNA, Danielle Barros Silva; DE CASTRO OLIVEIRA, Valdir. Mapeamento das práticas comunicacionais radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 6, n. 4, 2012.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames (1977). *Ditos e escritos vol. IV: Estratégia poder saber*. 2. ed. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. *De l'amitié comme mode de vie*. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, Gai Pied, nº 25. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. pp. 38-39, 1981.

FOUCAULT, Michel. *O que é a crítica*. Unesp Marília publicações, 1991.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: *Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FOUCAULT, Michel. Poderes e saber (1977). *Ditos e escritos vol. IV: Estratégia poder saber*. 2.ed. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. Política da verdade: Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Stultifera navis. In: FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

- FREITAG, Bárbara. *Teorias da cidade*. Campinas: Papirus, 2006.
- FREUD, Sigmund. [1915] *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, Sigmund. [1915] *Sobre a transitoriedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor de transferência (1915). *Obras completas* V. 10. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006a.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O método desviante*. Revista Trópico, 2006b.
- GALINDO, Dolores; SILVEIRA LEMOS, Flávia Cristina; GARCIA DO NASCIMENTO, Caroline Christine; LEMOS DE SOUZA, Leonardo; DUARTE SANTANA NASCIMENTO, Roberto. Intuição para Bergson e Deleuze: atravessamentos por devires da pesquisa em Psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, vol. 21, núm. 2, maio-agosto, 2017.
- GAMONEDA, Amelia. *Komópolis*. 2019, CCCB em Barcelona (ES).
- GAMONEDA, Amelia. *Revista de Occidente*. Metáfora y ciencia, 2016.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Na multidão*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- GOETHE, J. W. *Fausto: uma tragédia*. Trad. Jenny Klabin Segall. Apres. Coment. e notas Marcus Vinicius Mazzari. ed. bolso. São Paulo: 34, 2011. 2 v.
- GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. Trad.: Lília Ledon da Silva. São Paulo: É. Realizações, 2010.
- GUIZZO, Iazana. *Micropolíticas Urbanas: uma aposta na cidade expressiva*. 2008. 59f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 12.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HARVEY, David. *A liberdade da cidade*. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), n. 26, p. 09-18, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/74124-Texto%20do%20artigo-99676-1-10-20140210.pdf.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- HIROSHIMA mon amour. Direção de Alain Resnais. Produzido por Samy Halfon e Anatole Dauman. França, Japão: Pathé Films, 1959.

HUAPAYA, Cesar. Montagem e imagem como paradigma. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 6, p. 110-123, 2016.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes antropológicos, v. 18, p. 25-44, 2012.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA - I.S. Crítica ao urbanismo (1961). In: JACQUES, Paola. Berenstein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.132-138.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA - I.S. Definições (1958a). In: JACQUES, Paola. Berenstein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.65-66.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA - I.S. Teses sobre a revolução cultural (1958b). In: JACQUES, Paola. Berenstein; BRITTO, Fabiana Dutra (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.72-73.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA - I.S. O urbanismo unitário no fim dos anos 1950 (1959). In: JACQUES, Paola. Berenstein. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.100-105.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. SciELO-EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. *Fantasmas modernos: montagem de uma outra herança*. Salvador: EDUFBA, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Montagem urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. In: JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*. Tomo IV: Memória, Narração e história. Salvador: EDUFBA, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. O grande jogo do caminhar. Prefácio. In: CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

JUSTINO, Luciano B. *Literatura de multidão: crítica literária e trabalho imaterial*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2019.

JUSTO, José Sterza. *Andarilhos e Trecheiros: errância e nomadismo na contemporaneidade*. Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2011.

JUSTO, José Sterza. *Vidas errantes: políticas de mobilidade e experiência de tempo-espaço*. Londrina: Eduel, 2012.

KAFKA, Franz. O passeio repentino. In: *A Contemplação / o foguista*. Tradução de Modesto Carone, Cia. das Letras: 1999.

KASTRUP, V. Invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & sociedade*, v. 19, n. 1, p. 15-22, 2007b.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira et al. Os intercessores e a amizade na escrita e leitura: possíveis, hoje?. *Mnemosine*, v. 11, n. 2, 2015.

LIMA, Junia Maria Ferrari de. *Dispositivo urbanismo: entre a governamentalidade e a resistência*. 2017. 220 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, João Teixeira. "Entre "cá" e "lá": estudo comparado—espaços públicos centrais em São Paulo e no Porto." *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. Nº. 4, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V. 17. Nº. 49. P. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes antropológicos*, v. 15, n. 32, p. 129- 156, 2009.

MAMA Roma. Direção de Pier Paolo Pasolini. Produção Alfredo Bini. Arco Film: Itália, 1962.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro; OLIVEIRA, Ana Karina de Carvalho; MORICEAU, Jean-Luc. A política da escrita e a performatividade da palavra do homem ordinário no método da igualdade de Jacques Rancière. Hall. 2018.

MARTÍNEZ-HERNÁEZ, Àngel. Fuera de escena: la locura, lo obs-ceno y el sentido común. *In: MARTINEZ-HERNÁEZ, Àngel; MASANA, Lina; DIGIACOMO, Susan M.; Evidencias y narrativas en la atención sanitaria. Una perspectiva antropológica. Universitat Rovira i Virgili*, 2013.

MATOS, Olgária. Amor e cidade, amor na cidade: Walter Benjamin. *In: MAGALHÃES, Maria C. R. (org.). Na sombra da cidade*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

MBOMÍO, Lucía. No venimos a olvidar sino a reparar el daño que nos ha sido causado. Entrevista. *Afrofeminas*. Madri, 2020. Disponível em: <https://afrofeminas.com/2020/07/18/no-venimos-a-olvidar-sino-a-reparar-el-dano-que-nos-ha-sido-causado/>. Acesso em: jul. 2020.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. *Apropriações do espaço público: alguns conceitos*. Estudos e pesquisas em psicologia. v. 7. n. 2, 2007.

MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2014. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>.

MONTENEGRO, Marisela; PUJOL, Joan. Derivas y actuaciones. Aproximaciones metodológicas. *Estrategias y prácticas cualitativas de investigación social*, 2009.

MOROZOV, Evgeny; BRIA, Francesca. A cidade inteligente: tecnologias urbanas e democracia. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Editora Record, 2004.

NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da multidão. *Lugar comum*, v. 19, n. 20, p. 15-26, 2004.

NIKOSIA, Radio. *El libro de Radio Nikosia: voces que hablan desde la locura*. Barcelona: Gredisa Editorial, 2005.

NINJA. Remover estátuas não é apagar a história. Pelo contrário: é escrevê-la. *Midia Ninja*. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/news/remover-estatuas-nao-e-apagar-a-historia-pelo-contrario-e-escreve-la/>. Acesso em julho de 2020.

NOVELLA, Enric J. Locura, opinión pública y medicina mental en los orígenes de la España contemporánea. *Medicina e historia: Revista de estudios históricos de las ciencias de la salud*. n.1. Fundacion Uriach, 2012.

O JOVEM AHMED (Le Jeune Ahmed). Direção de Jean-Pierre e Luc Dardenne. Produção de Jean-Pierre Dardenne, Luc Dardenne e Denis Freyd. Cineárt: Bélgica; Diaphana Films: França, 2019.

OLIVEIRA, Caroline. O que significa retirar estátuas de escravocratas do espaço público? *Brasil de fato*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/15/o-que-significa-retirar-estatuas-de-escravocratas-do-espaco-publico>. Acesso em: jul. 2020.

OS CATADORES e eu (Les glaneurs et la glaneuse). Direção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, 2000 (82 min.)

OS CATADORES e eu: dois anos depois (Les Glaneurs et la glaneuse: deux ans après). Direção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, 2002 (60 min.)

PALOMBINI, Analice de Lima; CABRAL, Karol Veiga.; BELLOC, Marcio Mariath. Dispositivos Clínicos em Saúde Mental: a clínica na cidade entre o acontecimento e a

permanência—Do AT à radiodifusão como estratégia de ocupação da cidade. In: *III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*, Niterói, Rio de Janeiro. 2008.

PALOMBINI, Analice de Lima. Utópicas cidades de nossas andanças: flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 295-317, 2009.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. n. 2. 2008.

PELBART, Peter Pál. Foucault versus Agamben? *Ecopolítica*. São Paulo, v. 5, jan./abr., p. 50-64, 2013.

PELLICER, Isabel; VIVAS-ELIAS, Pep; ARREDONDO, Jesus Rojas. La observación participante y la deriva: dos técnicas móviles para el análisis de la ciudad contemporánea. El caso de Barcelona. *EURE* (Santiago), v. 39, n. 116, p. 119-139, 2013.

PEREC, Georges. *Tentaiva de agotar un lugar parisino*. Trad. de Jorge Fondebrider, Beatriz Viterbo Editora. Letra e, 1992.

PESAVENTO, Sandra. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Cadernos do LEPAARQ* (UFPEL), v. 2, n. 4, p. 9-18, 2005.

PÉTONNET, Colette. *L'Observation flottante: L'exemple d'un cimetière parisien*. L'homme, p. 37-47, 1982.

POE, Edgar Allan. *O homem da multidão*. In: *Histórias extraordinárias*. Org. e trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PUJADAS, Joan Josep. Etnografía móvil, entre el sombreado y el acompañamiento: notas a partir del estudio de la movilidad cotidiana en la Región Metropolitana de Barcelona (RMB). *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 22, n. 2), p. 361-386, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *El método de la igualdad: conversaciones con Laurent Jeanpierre y Dork Zabunyan*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. On the borders of fiction. A conversation with Jacques Rancière. Entrevista a Stoffel Debuysere. Sabzian. Bélgica, 30 de março de 2017. Disponível em: . Acesso em: 18 set. 2017.

RANCIÈRE, Jacques; PANAGIA, Davide. Dissenting words: A conversation with Jacques Rancière. *Diacritics*, p. 113-126, 2000.

REDACCIÓN Barcelona. Acto Vandálico: Un pequeño incendio quema la estatua de Colón en Barcelona en plena oleada por las marchas antirracistas. *La Vanguardia*. Barcelona, 2020. Disponível em:

<https://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20200628/482004977466/incendio-colon-estatua-barcelona-vandalismo.html>. Acesso em: julho de 2020.

- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de cultura/ Departamento Geral de Doc. e Info. Cultura/ Divisão de editoração: 1995.
- ROCHA, Glauber. Eztetyka da fome (1965). In: ROCHA, Glauber. *Revolução do cinema novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- ROCHA, Glauber. Tropicalismo, antropologia, mito, ideograma (1969). In: ROCHA, Glauber; *Revolução do cinema novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- ROLNIK, Suely. Antropofagia zombie. Brumaria8: Arte y Revolución. *Sobre historia (s) del arte*, Documenta, v. 12, 2007.
- ROLNIK, Suely *et al.* Clínica nômade. Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do hospital dia A Casa (Org.). *Crise e cidade: acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Educ, p. 83-97, 1997.
- ROLNIK, Suely. Esferas de la insurrección. Notas para una vida que resista el abuso. Conferencia PEI obert a cargo de Suely Rolnik. Barcelona: MACBA, abr. 2019.
- ROLNIK, Suely. *Subjetividade antropofágica*. MACHADO, L.; LAVRADOR, M.; BARROS, 1998.
- ROLNIK, Suely. *Toxicômanos de identidade*. Subjetividade em tempo de globalização, in *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*, org. Daniel Lins. Papirus, Campinas 1997; pp.19-24.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Ténica e Tempo. Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006a.
- SANTOS, Milton. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 9. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006b.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*, fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia Usp*, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001.
- SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader (org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- SCHMID, Christian. *A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional*. GEOUSP: Espaço e Tempo. n. 32. p. 89-109, 2012.

- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Tradução Marcos A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SILVA, Patrícia Kunrath. Interview with George Marcus. *Horizontes Antropológicos*, v. 23, n. 47, p. 401-416, 2017.
- SIMMEL, Georg. [1902] A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- SIMMEL, Georg. A ponte e a porta. Política e trabalho. n.12. João Pessoa, 1996.
- SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar*. Trad. Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- SONTAG, Susan. Objetos melancólicos. In: *Sobre fotografia*. Editora Companhia das Letras, 2004.
- TAVARES, Gonçalo. *Komópolis*. 2019, CCCB em Barcelona (ES).
- TORRES, Diana. J. *Vomitorium*. Cidade do México: [s. n.], 2017.
- TRAVANCAS, Isabel; SCHERER, Marta. A Festa de Sant Jordi no jornal La Vanguardia. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 41, n. 3, p. 121-135, 2018.
- VEIGA, Lucas. *O cuidado em saúde mental no contemporâneo*. Minicurso on-line, 2020.
- VIRILIO, Paul. *El cibermundo, la política de lo peor*. Entrevista com Philippe Petit. Trad. Mônica Poole. Madrid: Teorema, 1997.
- VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. Trad. Celso Mauro Parcionik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- VISCONTI, Jacopo Crivelli. *Novas derivas*. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2014
- WARAT, Luis Alberto. Metáforas para a ciência, a arte e a subjetividade. *Seqüência: Estudos Jurídicos e Políticos*, v. 16, n. 30, 1995.
- WHITE, Edmund. *O Flanêur*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WISNIK, José Miguel. Recado da viagem. *Scripta*, v. 2, n. 3, p. 160-170, 1998.